

ÍNDICE

Apresentação	Pg.
— por Jardim Gonçalves	5
1. Entre pescadores	7
2. Dramas que são desafios	21
3. Escolhemos a palavra «Povo»	35
4. A religiosidade popular	49



Alfabetização e consciencialização

**PAULO FREIRE
E
MILITANTES
DA
BASE — F.U.T.**

FICHA TÉCNICA

Edições BASE

- . Rua de São Bento, 672 — Telefone 68 95 33 — 1200 Lisboa
- . Rua Passos Manuel, 209-1.º — Telefone 38 09 31 — 4000 Porto
- . Rua Nova, 42 — 3000 Coimbra

Origem do Texto

Mesa Redonda com a participação de PAULO FREIRE, dos militantes da BASE-FRENTE UNITÁRIA DE TRABALHADORES, Virgínia Pereira, Manuela Medeiros e Helena Policarpo e de Teresa Santa Clara Gomes.

Arranjo Gráfico

José Eduardo Freitas Filipe

Impressão

Edições Base

APRESENTAÇÃO

Quando se trata de olhar a vida com esperança e de nela se comprometer, para que a justiça triunfe e os pobres se libertem, o tempo não conta. Os grandes ideais como aqueles que por eles se batem, não conhecem as barreiras do tempo ou as fronteiras do lugar.

É, por isso, que «Alfabetização e Conscientização», resultado embora de um colóquio realizado em Lisboa, entre Paulo Freire e trabalhadores, militantes no campo cultural, ainda antes do 25 de Abril, guarda hoje toda a sua actualidade. Ao torná-lo público, hoje, BASE-F.U.T. tem consciência de prestar um serviço à classe trabalhadora e à causa da sua libertação.

Paulo Freire não precisa de apresentação. Os trabalhadores intervenientes dispensam-na.

O que importa realçar é que no referido colóquio é notória a experiência duma Escola que não tem mestre e em que alunos são todos quantos nele participaram.

À volta de realidades concretas, de formas de

alfabetização diversificadas, de reflexões feitas no decorrer dos anos, todo um diálogo se processou, clarificaram-se ideias, permutaram-se experiências, determinaram-se causas de situações trágicas, delinearam-se formas activas que servirão quantos estão empenhados na construção dum mundo justo e fraterno.

Ninguém se atemorizou perante a crueza das realidades, ninguém escondeu o que poderia partilhar, ninguém defendeu métodos intocáveis, ninguém chamou a si a glória da descoberta do mais eficaz.

Trata-se dum colóquio simples, duma conversa serena, duma vontade comum de dar as mãos para que desapareça da face da terra o flagelo da ignorância que o analfabetismo provoca.

Após a sua leitura, o leitor dirá se temos ou não razão.

JARDIM GONÇALVES

1. ENTRE PESCADORES

VIRGÍNIA — Foi uma experiência muito pequena, realizada com pescadores — a zona é piscatória — por dois professores e um padre. A zona é de grande analfabetismo e o grupo queria de alguma maneira estar ao serviço daquelas pessoas e tomou conhecimento do método Paulo Freire.

Começaram por ler e trocar impressões entre si acerca do livro *A Educação como Prática de Liberdade*. Não entendiam muito bem aquilo, claro, é absolutamente fora do tradicional, do tipo de ensino que nós estamos habituados a fazer, ensino que nos marcou ao longo de anos. Portanto, não éramos até talvez as pessoas indicadas para começar uma experiência desse estilo, na medida em que somos pessoas deformadas. No entanto, com boa vontade e uma troca entre todos — reuníamos aí umas três vezes por semana para conversar e trocarmos perspectivas, o que íamos entendendo ou não — fomos lendo o livro e trocando impressões. A dificuldade depois era: percebermos o livro na sua ideologia, nos seus princípios e o que Paulo Freire de facto queria atingir com o seu método — a organização das massas, uma forma de pôr as pessoas a criticar a realidade, a tomar a sua vida nas suas próprias mãos, a reflectir sobre ela, isso a gente entendeu. Mas, como é que se concretiza? Porque o livro não é propriamente uma exposição sobre o método na prática, aliás é a experiência brasileira. Tem até palavras geradoras que nem sequer são as nossas, e nós, com a pouca imaginação que tínhamos nem sequer fomos capazes de descobrir outras diferentes daquelas para as substituir. Lembro-me que começámos com a palavra TIJOLO, uma palavra que nem sequer era uma palavra muito utilizada pelo povo daqueles sítios.

Aos poucos é que fomos compreendendo que o método era um método que se adaptava para cada lugar e para cada grupo de pessoas.

Foi uma experiência que, de certo modo, abortou e deixou uma sensação de frustração, na medida em que eram homens do mar, que realizavam campanhas em prazos certos e tinham de ir seis meses para o mar, pois embora estivessem muito interessados o pão era mais importante; tinham que largar o círculo de cultura para ir para a faina do mar. Além disso era um grupo de gente já bastante adulta, entre os 40 e os 50 anos, com muita dificuldade de apanhar as letras. As pessoas sentiam-se muito à vontade quando se tratava de debater e de reflectir a vida; muito menos à vontade quando se tratava de apanhar as letras e escrever. Houve, no entanto, dados bastante ricos, aprendemos muito com as pessoas (acho que aprendemos mais com as pessoas do que elas aprenderam connosco).

PAULO FREIRE – Eu também aprendi muito com as pessoas. Por isso é que eu acho que não foi frustrante a experiência de que você está falando.

V. – Pois, foi e não foi. Tentámos a experiência dois anos seguidos, sempre nas épocas em que o mar estava mau (era uma zona dos Açores em que os barcos são muito pequeninos e não podem afastar-se muito) porque quando o mar está mau os pescadores ficam em terra. Era nessa altura em que eles estavam de braços caídos que a gente aproveitava para fazer o trabalho.

P.F. – **Esse era um momento inclusive, do**

ponto de vista da própria motivação, um momento mau. No fundo o pescador ficava e não ficava, estava e não estava, na sua imaginação ele estava pescando, ele estava no mar, atraído pelo horizonte do mar. De maneira que a deficiência não foi deficiência de vocês, foi todo um conjunto de circunstâncias concretas que explicaram isso, quer dizer, um grupo humano que participa duma experiência pedagógica precisamente porque não pode estar no mar, não estava inteiramente motivado, porque quando aparece oportunidade de trabalhar claro que largam tudo.

TERESA – E pensam continuar esse trabalho?

V. – Interrompemos a experiência já há dois anos, mas com aquele grupo não.

P.F. – **E o grupo quer?**

V. – Bom, não sei.

P.F. – **Então não diga «com aquele grupo não». Me lembro quando eu tinha a tua idade mais ou menos, trabalhei com pescadores. Aprendi muito com os pescadores. A significação da Liberdade para os pescadores é absolutamente idealista. O pescador quando voltava do mar deitava na praia, debaixo das caissairas (telheiro de palha, coberta com estacas na beira da praia; faz uma coberta e cobrem de palha de coco) a «caissara» é, mediatiza o pescador, uma espécie assim de fronteira entre o mar e a casa, uma espécie, assim, de terra de ninguém, e, ao mesmo tempo, terra de todos. E o pescador vem do mar e deita-se na «caissara» e continua olhando o mar, numa**

posição de eterno idílio amoroso com o mar e dorme na «caissara» olhando o mar. Então o sujeito burguês do centro urbano diz que o pescador é preguiçoso e sonolento. Nada disso! O pescador é um amoroso do horizonte marítimo, onde ele encontra o sentido da sua liberdade, que, é evidente, é puramente ideal; na verdade ele é profundamente explorado, concretamente explorado. Mas o facto de arrostar, de enfrentar o desafio da onda, a ferocidade do peixe que persegue sua jangada – o tubarão por exemplo – (e o pescador continua pescando com o mesmo instrumento que os indígenas usavam quando Cabral chegou ao Brasil) confrontar a força do mar, o mistério do mar, a interrogação do mar, o risco do mar, dá ao pescador uma sensação de poder que o faz rir do poder do Mundo, profundamente ilusório evidentemente, mas bonito, poético. Mas, para trabalhar com pescadores eu vivi três meses na praia, com minha família, minha mulher e minhas duas filhas pequeninas (tinha dias só), ia com eles na jangada e tomava nota num caderninho de todas as palavras que eles usavam e que eu não conhecia e perguntava o que significavam, e fazia minhas notas. Depois do terceiro mês eu era um especialista na linguagem do pescador e então usava as metáforas do mar. É uma beleza. Invejo a tua experiência.

V. – Nós sentimos muito sensivelmente essa diferença entre o homem do mar e o homem da terra, sobretudo porque a certa altura se integraram duas mulheres de agricultores que não dialogavam da mesma maneira nem participavam nos debates da mesma maneira. Eram muito mais fechadas, tinham

muito mais dificuldade em entrar, mais retraídas. E o pescador punha os cotovelos em cima da mesa e nunca tinha pressa de se ir embora.

P.F. – É uma beleza. No Brasil há um grande poeta e cantor popular chamado o poeta do mar: Dorival Caiy. Todos os poemas dele, todas as canções dele falam do mar. Ele tem uma canção linda «O pescador tem dois amores». Um bem do mar, um bem da terra. O bem da terra é aquela que fica na praia, que chora e faz que não chora, quando a gente vai pescar. E o bem do mar é o mar, é o mar, é o mar que carrega a gente prá gente pescar. Este cara é um dos sujeitos que no Brasil melhor sente a riqueza do pescador, e a exploração a que está submetido.

T. – Como é que se lembraram de ir pegar no livro *A Educação como Prática de Liberdade?*.

HELENA POLICARPO – Era contrabando. Alguns de nós conheciam-no.

P.F. – Você já leu *A Pedagogia do Oprimido*?

T. – Já leu?

V. – Já.

T. – Quanto tempo é que vocês levaram para preparar...

V. – Três meses.

H.P. – Talvez fosse de interesse saber, quando

dos períodos de debate, da descoberta da cultura, como é que os pescadores reagiram a isso.

V. — No primeiro encontro que tivemos com eles, eles iam bastante... com ar de quem vai para a escola, um pouco envergonhados. Depois, assim que perceberam que aquilo não era uma escola, uma escola de tipo tradicional e que ninguém lhes dava ordens — estavam habituados aos cursos de adultos, do Governo, em que não se fuma, cuspir para o chão é falta de respeito — quando eles perceberam que o ambiente era o seu e que podiam fazer o que quisessem, ficaram mais à vontade. E, sobretudo, depois do primeiro debate começámos a conversar com eles e entenderam que não eram homens sem cultura.

Lembro-me de um pescador levar uma bússola muito grande — o pescador não sabia ler — e dizer como é que se orientava, como é que usava aquilo no mar, sem nunca ter estudado as coordenadas nem nada, e para explicar à gente, e a gente não percebeu porque a gente conhecia era o que estava nos livros, não percebemos em concreto como é que ele tinha aprendido a usar aquilo. Mas ele explicou. E assim que perceberam que tinham coisas para ensinar à gente, e que a gente estava sedenta de ouvi-los contar coisas, a conversa passou a ser deles e a gente apenas se preparava com umas tantas interrogações para pôr as pessoas a pensar. Aliás do grupo — éramos três — nenhum queria ir sozinho, tínhamos muito medo, portanto resolvíamos estar os três: um orientava um pouco a conversa, outro tomava notas, outro entrava um pouco também na conversa. Tínhamos combinado que nos criticaríamos valentemente uns aos outros, sobretudo àquele que orientasse a

conversa, se se adiantasse às pessoas, quando apresentasse reflexões feitas.

Lembro-me de se ter falado lá de Salazar e de um pescador ter dito: «É muito bom, esse homem foi o homem que pôs o nosso País em paz, nunca consentiu que Portugal entrasse em guerra e pôs em ordem as finanças do nosso País, pois o País estava num caos, numa desgraça e foi ele que pôs as contas em dia, conseguiu que Portugal fosse uma Nação respeitada.»

O meu colega, de temperamento assim um bocado violento, ficou inquieto para dizer «Salazar é este, é aquele, é aqueloutro, vocês não acreditem nesse homem»; mas depois foi-lhe fazendo reflectir concretamente, o que é que era Salazar neste País. Com a história da guerra, ele dizia que o país nunca tinha entrado em guerra, mas o que era a guerra? O homem começou a fazer comparações — ele e os outros — como vivia na sua casa, que oportunidades é que os filhos tinham de estudar, como é que os filhos andavam vestidos, como era a casa do senhor fulano, destoutro fulano de tal, do sr. dr. fulano de tal e, através de comparações, os pescadores entenderam o que era o estado de guerra num país. E um deles a certa altura dizia: «Agora estou compreendendo que antes de rebentar a guerra no Ultramar nós já estávamos em guerra há muitos anos».

P.F. — Fantástico! Não foi nada frustrante. Eu queria dizer a você uma coisa.

V. — É a sensação que a gente tem, não estou para aqui a «armar»...

P.F. — Claro que o problema central, funda-

mental, primordial não é simplesmente ler e escrever. Independentemente de ler e escrever, eu diria o seguinte: o problema é ler a História que se faz e não ler as histórias que se contam. Isso é que é o importante. Não sei se os pescadores nos Açores usam o que no Nordeste brasileiro os pescadores chamam pescaria de «ciença» (de ciência). Eu cheguei nessa aprendizagem, eles me disseram: «Nós amanhã vai ter uma pescaria de ciença». Mas que diabo é isso? Que é uma pescaria de ciença? Eles riam, olhavam um para outro. «Não sabe o que é pescaria de ciença?» Não, não sei e estou curioso. «Pescaria de ciença é o seguinte: amanhã nós (estou falando exactamente como eles, sua sintaxe) vamos com o covo... o covo é uma arapuca para peixe, feita por eles e há os especialistas em fabricar o covo. Olhe uma arapuca sabe o que é?

V. — Não...

P.F. — O problema talvez é o problema da língua; é que são palavras essas do universo brasileiro. Agora eu vou dizer outra palavra: arapuca é uma armadilha. É feita com uma fibra — puxa, me falta a palavra agora — de... um certo vegetal. Há uma estrutura da arapuca que é feita com madeira, com pedaços de mangui (é um arbusto semi-aquático...)

H.P. — Uma espécie de vime, não?

P.F. — Uma espécie de vime, mas não é vime, é mais consistente. O vime seria o revestimento que

constitui as paredes da arapuca. Eles fazem a estrutura da arapuca de tal maneira que há uma entrada por onde o peixe entra e não tem saída; não pode sair por onde ele entrou. Um negócio muito bem engenhado, muito bem feito. E eles fazem arapucas para peixe, para lagosta, por exemplo, com tamanhos que dependem porque eles sabem muito bem qual é a zona onde eles vão pôr o seu covo, a quantidade de peixe que pode entrar ali, os quilos, sabem isso muito muito bem sem nunca terem feito cálculo matemático. O que é a pescaria de ciença? A gente sai, de um modo geral, um ou dois somente numa jangada, com o covo e com um gancho e uma corda e se dirige para uma região qualquer do mar, em que eles admitem por conhecimento empírico, de experiência, que ali há peixe. E a certa altura do mar, eles descem a arapuca, até encostar no chão, com duas ou três ou quatro pedras, cujo peso eles calculam também suficiente para suportar a corrente submarina; deixa a arapuca no máximo com possibilidade de mover-se 10 cm, 20 cm. Mas acontece o seguinte, é que você solta um diabo numa arapuca dessas e no outro dia como é que se localiza? O sistema muito fácil de localizar seria uma bóia na arapuca e no dia seguinte vinha buscar. Mas se põe uma bóia, o outro pescador vem e rouba a sua arapuca! Que fazer para não ser roubado e pegar exactamente no lugar? Aí é que é a pescaria de ciença.

O pescador vai e quando chega ao que ele chama de «mar de dentro», não sei se existe a expressão também entre vocês... eles dividem o mar em mar de dentro e mar de fora. O mar de

dentro é o mar alto para vocês, o mar de fora é o mar que está próximo. A costa, de um modo geral está anterior a uma cadeia de arrecifes, que fazem uma muralha no NE todo. Eles atravessam o mar de fora e chegam a uma altura que eles quase já não vêm a praia. Então fazem isto: procuram dois pontos na terra (vamos admitir por exemplo o cume de um morro distante e a torre de uma igreja); eles fazem a coordenada entre esses dois pontos visíveis e exactamente no meio — eles passam uma linha imaginária do pico do morro até cá e uma da torre da igreja até cá e quando chegam na intersecção descem a arapuça. Quatro dias depois eles voltam, fazem de novo a linha imaginária e na intersecção eles descem um gancho e já levantam, na primeira vez, a arapuça. Isso é pesca-ria de ciência. A outra pescaria que não é de ciência, é uma pescaria comum, vulgar. Você chega no mar arremessa, recolhe o seu anzol. Mas esta outra tem uma ciência: é exactamente o estudo das coordenadas.

V. — Os nossos pescadores também fazem isso. É com covos, com uma estrutura de cana, uns arcos de verga, com rede — fazem a rede com algodão — ligada aos arcos de verga, aquilo é maleável, portanto esticam com umas canas; levam um monte daquilo e deitam em diversos pontos. E fazem exactamente as coordenadas dessa maneira.

P.F. — A mesma coisa é a pescaria de ciência.

H.P. — Virgínia, queres continuar, dar outros aspectos?

V. — Lembro-me de terem discutido o problema da habitação. A habitação é como em todos os sítios piscatórios. Um bairro de casas feitas pelo Governo, que é uma miséria: caixas de fósforos, sem condições para alojar famílias grandes — e os pescadores têm muitos filhos. E lembro-me de eles estarem a reflectir na habitação a propósito da palavra tijolo e de terem feito a comparação entre o tipo de casas que tinham e o tempo em que a igreja foi feita — uma igreja enorme, imponente mesmo, que contrasta perfeitamente com o tipo de casas que as pessoas têm. E de, a certa altura, terem concluído: «Pois, o nosso padre velhinho dizia que quem não desse para a igreja, quem não desse dinheiro para a igreja não ia para o céu.» Fez-se a igreja com dinheiro do povo e depois concluíram que se o padre naquela altura se tivesse empenhado em ajudá-los a resolver o problema de habitação, pois que tinha agradado mais a Deus.

Por exemplo, no problema da agricultura, o problema das chuvas. Quando compreenderam que Deus Nosso Senhor pois não estava lá a despejar potes de água cá para baixo, concluíram que... como é que funcionava todo esse mecanismo. E conclusão por si: «Bom, agora estamos a ver que não é preciso rezar para chover.»

P.F. — Agora imagine o seguinte: se você espalha, porque isso é rápido, é rápido... Porque a consciência pescadora, camponesa, está tão casta, com relação à alienação da escola e é tão disponível, relação entre o pescador e o camponês e o mundo natural é fantástico! E o importante é que não arrebetemos isso. A relação é inteira,

existencial: o pescador se sente parte do mar, como o camponês se sente árvore. Então, é tão fácil, senhores, despertar a consciência do pescador! Sem manipulá-los! Quem tem alguma experiência com o camponês, com o pescador, sabe isso, não precisa manipular.

2. DRAMAS QUE SÃO DESAFIO

V. — Mas depois, quando essa consciência começa a surgir por dentro das pessoas começa a surgir um drama, que é o que elas diziam que sentiam: que tinham sido como bichos debaixo das pedras.

P.F. — Isso eu escutei também. As mesmas expressões. Isso tudo eu escutei também no Chile; a diferença é que falavam espanhol. Isso eu tenho escutado do camponês de áreas inglesas, em inglês, a diferença é que diziam em inglês «Eu me sentia um bicho» — an animal.

Exacto, hem! Olhe uma das coisas que a gente não deve sublinhar, não deve insistir muito nos encontros que a gente tem é exactamente nas experiências pessoais que a gente tem, porque às vezes falar muito das experiências que a gente tem, pode ser até inibidor, mas eu espero que aqui não seja... Mas hoje com a experiência que eu tenho de opressão, do fenómeno da opressão, do fenómeno da exploração, portanto da dominação, me convenço que o fenómeno da opressão provoca uma série de posições, de posturas, de atitudes que variam apenas de lugar a lugar, de tempo a tempo, espaço a espaço, do ponto de vista da roupa com que se veste — estou usando metáfora, claro —. Então se você analisa a opressão no Recife, no Nordeste brasileiro, na zona rural ou na zona urbana, se você analisa a opressão nos chamados bairros de lata, que têm diferentes nomes em cada país, na América Latina; e se você dá um salto e vai analisar a opressão e a marca da opressão nos ghettos negros dos Estados Unidos, ou nos ghettos chicanos ou porto-riquenhos nos Estados Unidos; você analisa a opressão em Paris,

em Génova, em Amesterdão, em Índia, em África, você sente o mesmo fenómeno, o mesmo...

Então, eu hoje, por exemplo, tenho condições de, se um sujeito me fala de um encontro que teve com um grupo de oprimidos em Calcutá, eu me arrisco a dizer o que foi que os oprimidos disseram a eles, como teste. Tenho feito isso. Fiz isso na Índia, fiz isso na África, fiz isso em toda a parte onde eu andei. E digo: «Me diga aí uma situação concreta, que eu vou dizer qual foi a reacção, que eu vou descrever a reacção». E descrevo. A diferença é de língua. Língua e linguagem, às vezes. Quer dizer, é a diferença cultural... Mas às vezes a coincidência é tão absoluta, que são as próprias palavras, as mesmas, que a gente escuta.

E há também outro problema sério nisso. Que grupos cristãos inocentes e ingénuos provocam sempre. Muitas vezes, grupos de cristãos de Acção Católica (os mais críticos são os da Acção Católica Operária precisamente porque são operários), — são movidos por uma falsa concepção da caridade (que devia se acabar), uma falsa concepção do amor. O amor como uma abstracção no ar; o amor como uma coisa geral, o amor à humanidade. Não existe isso; não existe uma humanidade abstracta. Existem os homens e as mulheres concretas, concretos, Pedro, Maria. Isso é o que existe, não uma humanidade abstracta. Isso é uma conversa fiada. Mas por causa de toda essa série de mitos que metem na nossa cabeça e com que nos destróiem, muitos de nós, nessa ingenuidade vamos fazer trabalhos apostolares, junto a grupos obreiros, camponeses, pescadores, mas sem nenhuma consciência política, nenhuma... E não sabe, porque ensinaram a nós que a Igreja é neutra,

que a igreja é de todos — e não é. Ensinaram a nós que os cristãos têm que amar a todos e também não é. Isso não há, isso não existe. E há, mas é preciso saber como é que ama, o que é que significa amar a todos. Eu não posso amar o meu inimigo a não ser tirando o poder dele. Esse é o único jeito que eu tenho de amá-lo, acabar com o poder do inimigo. E não deixar esse inimigo para me maltratar, não sou masoquista, hem! Então acontece que esses grupos de cristãos inocentes, no fundo trabalham para a reacção e não para a revolução, porque eles têm um medo horrível... e vão trabalhar então com grupos oprimidos — mas inocentes, como filhos de Maria.

Quando se defrontam com a classe dominada, com a classe oprimida e começam a discutir cultura e natureza, o trabalho... isso é um problema muito sério. Quando você discute o problema da cultura como resultado da transformação que os seres humanos exercem sobre o mundo, vocês têm que cair em dois minutos no problema político, não se pode deixar de cair. O problema do poder. Mas a inocência da neutralidade, da educação, na neutralidade da teologia (um outro negócio que não existe) se desprepararam completamente de um compromisso político revolucionário. Com quinze dias, um mês, dois de encontro com o camponês ou pescadores, de repente, os pescadores diz: «Está ótimo. Agora a gente já descobre que a chuva não é mais Deus quem bota p'ra baixo como gelo que Ele derrete. O negócio é diferente.» Descobre que se o padre tivesse trabalhado p'ra fazer era muito melhor do que ter feito uma igreja, que era uma contradição, e de descoberta em

descoberta, o sujeito descobre que é o sistema que não presta.

Quando descobre que é o sistema que não presta, olha para o educador cristão, completamente despreparado e diz: «E agora qual é a proposta que o senhor faz a mim? de organização política. O senhor veio para aqui p'ra fazer isso ou não? Porque se é para ficar aqui o resto do ano discutindo no círculo de cultura, não tem sentido, não. Eu não quero fazer uma Academia. Eu quero é transformar, agora, a realidade para ser gente». Ai o educador cristão diz: «Meu Deus do Céu!»

Meus amigos, eu sempre digo a grupos cristãos que me procuram: «Olhe, se você não está disposto a levar a sério o seu trabalho com o povo, se aburguese definitivamente e vá enrolar as fileiras dos mentirosos, mas não se meta com povo, porque com povo não se brinca. A povo se respeita.»

Eu vou contar a vocês rapidamente uma experiência que se deu num certo país americano... — quando eu olho um microfone fico todo... é uma das ingenuidades dos cristãos; também gravam tudo e com as suas gravações ajudam a polícia — não precisa citar aqui o país. Mas num certo país da América Latina, um sacerdote que era pároco em uma área rural da sua diocese, acidentalmente descobriu, como vocês, A Educação como Prática da Liberdade. Por curiosidade levou o livro para casa e leu e foi lendo o livro. E na medida que ia lendo o livro ia ficando curioso. Terminada uma primeira leitura do livro, ele voltou ao livro. E ao ler o livro ele convidou um grupo de quinze jovens católicos, moços e moças para fazer um seminário privado, com ele na casa paroquial,

com o livro. Então ele releu o livro com os jovens, os jovens lendo pela primeira vez e ele lendo pela terceira, e analisando página por página, implicação por implicação. E os jovens ficaram altamente interessados pelo negócio e se motivaram. Quando terminaram a leitura, o padre, então, pergunta a eles: «Não será que nós poderíamos pegar essas ideias centrais e fazer um trabalho de evangelização com conscientização?» (A única maneira de evangelizar é essa; evangelizar é politizar, no meu entender e não criar Céu no Céu, que isso não existe também. Entender o que é a transcendência em termos críticos). Então os caras, os jovens aceitaram a hipótese de marchar para um trabalho evangelizador. E o padre era um sujeito sério, não era um reaccionário e tinha uma boa presença junto aos camponeses da sua área. Então ele tem uma reunião com os quinze jovens e um grupo de camponeses, um domingo depois da missa, em que ele falou da possibilidade de criar círculos de cultura evangélica. E os camponeses aceitaram o negócio. E alguns desses camponeses com um certo poder de liderança dos outros, conseguiram juntar grupos de quinze a vinte camponeses para cada um dos jovens. O que vale dizer que eles começaram um trabalho de evangelização com quinze vezes vinte camponeses.

Um mês de trabalho, uma porção de outros camponeses, com as conversas que tinham com os seus companheiros se aproximaram e pediram também para eles. Então o padre ficou radiante e os jovens convocaram mais jovens interessados na história. Eu sei que dentro de quatro ou cinco meses, nessa experiência estavam engajados, seiscentos a oitocentos camponeses num trabalho

de evangelização, consciencialização. E o padre radiante.

Um dia de manhã, depois da missa, dois ou três líderes dos camponeses chegaram para falar com o padre na sacristia e disseram-lhe: «Padre nós queremos ter uma conversa com o senhor e com os moços.» O padre marcou a reunião para o dia seguinte e vieram esses líderes. Então eles disseram: «Padre nós não viemos oitocentos porque não dava, porque não queríamos fazer espalhato, mas nós tivemos uma reunião particular, entre nós, sem os senhores e agora nós trazemos aqui as perguntas que os oitocentos camponeses fazem através de nós.» Mas estava pensando que eles queriam mais dez jovens. Então o líder principal falou e disse: «Padre, primeira pergunta para o senhor: quando o senhor veio para aqui com esses rapazes e moças, o senhor tinha qualquer ideia já na cabeça, política, de organização de nós para uma revolução?». O padre caiu das nuvens. O padre não tinha nada disso, não tinha jamais pensado, nem os moços. «Padre, se o senhor tinha, com os rapazes, então meus parabéns, porque o senhor não disse de começo a nós, senão nós íamos ter medo. Então foi muito boa táctica que o senhor usou. Mas agora nós estamos aqui exactamente para dizer que já é tempo. Aprendemos nestes cinco meses muito, somos hoje muito melhores cristãos, porque já sabemos que Deus não é o responsável desta porcaria que tá aqui, da exploração nossa. E agora então viemos aqui cobrar do senhor, qual é o seu pensar pois não é preciso mais evangelização porque já estamos evangelizados.»

Meus queridos amigos, a experiência se acabou, que o padre não tinha realmente pensado jamais em coisa nenhuma mais além. E ficou numa situação difficilima, porque ele tinha o apoio exclusivo do bispo e todos os outros colegas dele eram reaccionários. Ele foi ao bispo, colocou a questão ao bispo, o bispo ficou receoso, este negócio me foi contado em Génova por um dos jovens, que jamais pôde escrever sobre isso, porque se publica um trecho destes no país dele, minha Nossa Senhora, o bispo disse ao padre: «Eu aceito esse negócio, eu compreendo isso, agora acontece é que se você continua com esse tipo de trabalho, cedo ou tarde, um colega seu vai denunciá-lo e é possível que a polícia não vá prender você e torturar você, porque você é padre e eu vou lá como bispo, mas os camponeses vão ser torturados, vão ser presos.» (Eu não estou fazendo nenhuma crítica ao bispo, porque eu não conheço inclusivamente muito bem a realidade desse país. Sei que o negócio não é mole, não é, um pouco melhor que no Brasil, mas não é tão fácil também, e eu não sei se eu fosse o bispo o que é que eu podia fazer. Então eu não sacudo pedra em ninguém. A chamada primeira eu não sacudo). O bispo disse: «Meu filho é melhor frustrar os oitocentos camponeses hoje do que levá-los a uma tortura maior quando você e eu estamos completamente despreparados para isso. Não sabemos sequer para onde ir.»

Eu não estou sacudindo pedra no bispo. Mas o que eu estou dizendo com esse exemplo – e eu passaria aqui a noite, não inventando exemplos, mas dando a vocês exemplos que eu

tenho na minha experiência, de gente que vem conversar comigo na Europa ou que se encontra comigo quando eu vou à América Latina e que me conta isso.

O número de moços e gente madura cristã que vai trabalhar no meio camponês, de forma crítica mas ingênua — é uma crítica do ponto de vista do método da educação — isso dá é exactamente o seguinte: é a ingenuidade de certos educadores que pensam que é possível uma metodologia dialógica com o operário, com o camponês, com o pescador e fica nisso, fazer uma conscientização dentro da escola. O que eu chamo conscientização na intimidade do seminário. Isso não existe. Conscientização de pijama. A conscientização está nua da cintura para cima, com o peito de fora e o músculo e a mão disposta para transformar o mundo. Sem isso vão fazer crochet.

Esta coisa é apenas uma advertência para nós todos cristãos, que não nos metamos nessa história se não estamos dispostos a ir até o fim. Educação meus queridos amigos, qualquer que seja ela, é, foi e vai continuar a ser um acto político, eminentemente político e por ser político ela ou está do lado da dominação, ou está do lado da libertação. E quando eu digo político não digo partido A ou B. É o sentido... político, essencial ao fenómeno. Não há educação neutra, isto não é jogo para menino, é um negócio sério. Então é uma advertência apenas. De resto, eu espero que vocês aqui já saibam muito bem disto, mas não faz mal conhecer outras experiências.

De maneira que não há só aquela dimensão que você falou que é profundamente dramática, ainda

há outro aspecto além do que você citou, o sujeito descobre: «Eu era quase um animal». Há essa outra dimensão que é do sujeito que diz: «E agora? E agora p'ra onde vou? Agora qual é o teu projecto? E agora qual é a tua proposta, qual é a tua proposição?» E há ainda um outro aspecto, que é o do sujeito dizer: «Melhor era quando eu nada sabia.»

Eu me lembro duma freira, essa no Brasil, que foi minha aluna e que trabalhou depois do golpe no Brasil, com conscientização. E um dia me escreveu uma carta dramática, em que dizia «que um operário, terminada a sessão, semiclandestina que a freira fazia, veio a ela e disse-lhe: «Eu quero lhe dizer uma coisa, particularmente. Irmã, até um mês atrás eu era um explorado sem saber a razão de ser. Mas agora eu descobri porque é que eu sou explorado e quero dizer à senhora que estou mentindo aos meus companheiros de fábrica.» «Está mentindo?» «Sim, porque eu não quero aumentar o número dos que sofrem por saber a razão de ser explorados. Já que não tenho condição nenhuma para acabar com a exploração, eu preferia quando não sabia.» Quer dizer, isso é profundamente dramático. E eu me lembro da carta da resposta que fiz a ela, com muito cuidado, que é p'ra pobre da freira não ir pró «xadrez», hem, em que eu dizia que era um facto realmente sério, mas que o problema não era que ela ficasse com sentimento de culpa, que estava, mas que ela devia desafiar o próprio operário para que ele alcançasse um outro degrau na sua consciência política, p'ra ele também não se frustrar e saber que se no momento ela não estava podendo dar a

solução definitiva, ele teria que desenvolver revolucionariamente a virtude da paciência, que não significa esperar sem fazer, mas sim fazer quanto é possível. Porque se você não descobre essa coisa, é horrível.

Mao Tsé-Tung passou a vida dele todinha preparando uma revolução que não se fez. De modo geral a gente vê uma revolução ... quando a gente sabe duma revolução a gente se esquece de todo o processo anterior dela e fica pensando: ela apareceu hoje — hoje, uma conversa! Os acontecimentos de Abril aqui em Portugal não podem ser tomados como se tivessem gestado no dia 25. Não. Quarenta e oito anos antes, de massacre e 13 de guerra colonial. Foi a guerra colonial que fez isso, sim senhor.

H.P. — Ora bem. Passo aqui agora a palavra à Manuela, também de S. Miguel que desenvolveu lá ...

T. — Queria fazer uma pergunta antes só para meu esclarecimento. Deste grupo fazem parte sobretudo professores; não há operários que façam ...

H.P. — Não é sobretudo professores.

T. — Ah! são operários ...

H.P. — Há alguns professores, professores de instrução primária.

T. — É que há pouco falou de professores ...

P.F. — Quantos operários há aqui?

I — Quantos são operários?

H.P. — Que entende por operário? Que trabalhe numa fábrica, é?

T. — Quem não é professor?

Os outros são operários ou empregados?

H.P. — Sim.

P.F. — Empregado de quê? Escritório, comércio, etc.?

T. — Porque em meio operário, quem trabalha sobretudo são os operários. Eu estava a achar um pouco difícil como é que professores ou pessoas estranhas ao meio operário estavam a trabalhar com operários, mas isso não acontece ...

ISABEL — Isso tem a ver com o conceito de consciência de classe. Por exemplo, no meu caso pessoal, embora esteja a trabalhar como professora, sou filha de operários, moro num meio operário, sinto-me muito mais operária ...

V. — O meu é o mesmo problema que a Isabel põe e de resto estou trabalhando no meio operário, portanto com os pais dos meus alunos, que são operários ...

3. ESCOLHEMOS A PALAVRA «POVO»

MANUELA — A experiência começou porque começámos por primeiro contribuir para a felicidade dos mais marginais. E depois começámos a ir lá assim alguma vez mas com sentido de ajudá-los numa promoção, sobretudo no problema de habitação, que é assim parecido, ou pior, com alguns bairros de lata que aqui existem. E depois com os nossos contactos com eles muitas vezes, em grupo começámos a reflectir e pensámos que a nossa ida lá tinha que ter mais alguma finalidade. Nós queríamos estar por eles. Mas depois começámos a ver que faltava alguma coisa. Então queríamos procurar descobrir o objectivo da nossa ida lá. E passámos a ir lá para estar atentos àquilo que as pessoas diziam, queixavam-se. E então começámos a ver várias coisas, quando começámos a entrar em contacto directamente com eles. A nossa primeira fase foi precisamente adquirir a confiança para que eles nos sentissem com eles. Um grupo de amigos que iam visitá-los. E assim fomos ganhando; começámos precisamente por um velhinho que tinha sido mutilado precisamente no seu emprego. Ele começou a contar-nos muita coisa, como é que tinha perdido o braço e isso tudo; depois adoeceu, acompanhámo-lo um bocado e depois outras pessoas do próprio bairro aproximaram-se de nós no sentido de solidariedade, quando o velhinho ficou doente e foi internado no hospital até a morte o levar.

Começámos ainda com mais à-vontade sempre à procura de um objectivo. Havia lá uma senhora que tinha um filho no Ultramar e ela um dia pediu-me se eu lhe queria ler uma carta que ele lhe tinha mandado, porque ela não sabia ler. Começou a dizer que por não saber ler muitas vezes dão a vida a saber às pessoas; apetecia-lhe escrever mais vezes ao filho, mas tinha

receio de pedir às pessoas, para não incomodar. Perguntei-lhe se ela tinha vontade de aprender e ela disse: «Tenho, sentia mesmo uma alegria se entendesse para escrever ao meu filho. Agora está na guerra...».

Lá em S. Miguel pela Quaresma costumam fazer umas romarias, peregrinações em que as pessoas saem e vão oito dias, percorrem a ilha toda, a rezar e dormem fora, de casa em casa, saem assim por freguesias, às vezes do bairro, onde um pai de nove filhos e os mais velhos estavam a cantar com um papelinho na mão, que era para o pai que não sabia ler, fixar os cânticos que eles iam cantar na romaria, para não ficar atrás. Como eu também sabia alguns, comecei a cantar juntamente com eles e perguntei porque é que eles estavam assim tão contentes, naquele dia. E então ele esteve-me a explicar por que era. E eu disse: «Ó senhor António sempre valia mais a pena o senhor aprender a ler, porque afinal era melhor para tudo, mesmo para o seu serviço. O que é que o senhor faz?» E ele fazia foguetes, fogo de artifício. «Não sei ler, estive na escola muito pouco tempo, os meus pais precisavam de dinheiro, não me mandavam para a escola e depois vim trabalhar para aqui». Ganhava 50\$00 por dia. Eu perguntei: «O senhor vai na romaria?». «Vou, porque eu fiz uma promessa de ir cinco anos seguidos, pela Quaresma.» E assim ia, e a casa ficava uma semana sem ordem nenhuma, nove filhos e a mulher, e a renda da casa e isso tudo. E ele disse que gostava muito de aprender a ler, mas que burro velho não aprende a ler.

Nós começámos então a ficar atentos ao vocabulário que eles usavam e ao desejo que as pessoas manifestavam de querer aprender.

Numa outra casa mais acima, a mesma coisa. Quer dizer, as pessoas dos próprios serviços, serviam-se deles não saberem ler ou para terem uma colocação melhor ou coisa assim. Isso manifestou-se numas quatro casas lá.

Depois fomos para um grupo e começámos a reflectir e descobrimos que havia um objectivo: as pessoas queriam aprender a ler. A princípio veio-nos assim à cabeça: «Vamos para lá, juntamo-nos em casa dum e vamos dar umas lições das coisas indispensáveis», com uma vontade de responder logo àquilo que eles queriam; mas depois, passou-se uma semana (juntávamos o grupo de oito em oito dias) e chegámos lá e estava connosco um Padre e disse: «Eu não acho bem a gente começarmos assim com essa precipitação. Eles na Terceira (ilhas vizinhas), fizeram uma experiência de alfabetização. Se nós contactássemos com eles, até pelo telefone para ser assim uma coisa mais rápida e vissemos o que eles diziam dessa experiência?» Eles como já tinham feito, claro, já tinham descoberto que experiência de um sítio, de um bairro, não serve para outro mas nós pensávamos: «Eles não nos querem dizer mesmo nada daquilo, quer dizer, vamos aprender tudo à nossa custa.» Mas pronto, chegámos a reunir com alguns, mas eles não avançavam muito mais: Houve uma troca de cartas, mas não era aquilo; nós o que queríamos era quase a papinha feita. Depois começámos então a estudar o livro *A Educação como Prática de Liberdade* e então todas as semanas reuníamos. Levava o livro, estudava um bocadinho, depois punhamos em comum. Ao mesmo tempo que estudávamos o livro estávamos atentos ao bairro, aquilo que eles mais usavam, às palavras que eles mais usavam,

porque eles tinham começado lá na Terceira com tijolo, mas aqui para nós já não pegava ir com tijolo. Não copiámos. Depois quando chegou à palavra tijolo — nós quisemos ir estudá-la — estava lá um pedreiro, mas dava um sentido diferente daquilo que nós queríamos. Então sempre assim atentos, depois apareceram muitos, apareceu esse. Eles diziam muito: «Fazem muito pouco do povo», usavam muito o «povo», diziam muito essa palavra. A outra senhora que tinha o filho para o Ultramar também era a mesma coisa: «Agora o povo é que sofre», quer dizer eles diziam «aqueles que ficam cá também sofrem». Depois de estar assim o livro estudado qual era a palavra que primeiro podia aparecer.

Primeiro contactámos com as pessoas para ver se tinham aquele gosto. Claro que eles pensavam que iam para a escola, principalmente um que estava lá que era pedreiro, com livros, com cadernos, com essa coisa toda e eu disse que não era preciso nada daquilo, simplesmente iam começar as lições tal dia às tantas horas, tínhamos meio de transporte (porque para o pedreiro ficava um bocadinho longe porque não estava, quer dizer, não vivia precisamente no bairro, mas era uma pessoa que nós vimos que podia com a sua capacidade ajudar muito na arte do diálogo com o grupo). Então foi esse pedreiro, foi aquele que fazia os foguetes, foi esta senhora que era costureira, que tinha o filho no Ultramar, uma outra que fazia limpezas, uma outra costureira que o marido trabalhava, era electricista e depois fomos a primeira vez, à apresentação — a primeira vez com o grupo todo que tinha estudado o livro — portanto, juntámo-nos todos. Depois, passaram a ir só três, eu e mais duas. Eu quase sempre estava naquela parte do diálogo, uma outra

com as fichas onde aparecia a palavra geradora, para eles verem a palavra e depois tinha a palavra já assim toda dividida, para eles fazerem a junção e as coisas iam aparecendo assim.

E então, no diálogo, quando eles começavam o debate e a descobrirem coisas nós íamos escrevendo naquele papel de cenário e eles lá iam vendo a movimentação, na medida que nós íamos escrevendo. Claro levámos, não sei, talvez mais de dez lições antes de chegar à escrita e eles com aquela ânsia toda, de passar para a escrita e eu não tinha nenhuma vontade de passar para a escrita porque sabia que depois nós íamos perder uma grande parte que interessava que era o diálogo.

Então escolhemos a palavra POVO. Quer dizer, decidimo-nos a começar pelo POVO. Tínhamos conosco um professor que é mesmo do povo, é dessas pessoas que sente, tínhamos um outro que era psicólogo, que nos ajudou muito neste sentido, tínhamos o padre e nós, o grupo. No primeiro dia, fomos todos mas depois começámos a ir tal como eu disse, só três. Portanto, começámos as nossas lições e principalmente o pedreiro muito admirado por ver como era que agora funcionava uma escola sem estas coisas. A Junta de Freguesia do sítio, por acaso foi muito interessada, deu-nos assim a cobertura, íamos mesmo para a sala deles, porque era para ser na casa dum. Este que tinha muitos filhos queria desmanchar o seu quarto, por cima com um sótão, mas tinha o problema das crianças... quando vissem que nós íamos para lá queriam ir também para a escola do pai, julgavam que era uma escola normal.

Finalmente começámos as nossas lições com a palavra POVO, o povo éramos nós todos, eram aqueles

que trabalhavam com eles. Depois começámos por ver qual era o meio de transporte que as pessoas usavam, para se deslocarem: mota, urbana, a pé... essas palavras assim, quer dizer, nós íamos acentuando, chamando a atenção para uma família de cinco letras que nós usávamos muito nas palavras, que era o AEIOU.

Na primeira lição tínhamos um cartaz: a natureza e a cultura. A natureza, onde o homem ainda não tinha mexido, e a cultura onde ele já, está a participar, onde aparece um vaso: aqui as flores já estão num vaso, ali estão no campo: passámos à palavra CULTURA, quem é que tem cultura? Então o pedreiro dizia: quem tinha cultura eram as pessoas com o 5.º ano, as pessoas que eram professores, as pessoas que eram isto, as pessoas que eram aquilo. Perguntámos: «O que é que o sr. faz?» «Trabalho numa máquina, e só há mais um.» «Então o sr. trabalha numa máquina e tem só um que o pode substituir. Se o sr. der a máquina a uma pessoa com o 5.º ano, ela sabe trabalhar com essa máquina?» «Não sabe, eu tenho que ensiná-la.» «Então quem é que tem cultura?»

Entretanto, o homem das bombas ficou triste, ao pensar que as profissões dos outros tinham proveito enquanto ele levava todo o ano a fazer aqueles foguetes e num instante numa festa estoirar o seu trabalho todo. Ele descobria que o seu trabalho não tinha proveito. Então, nós não demos um sentido negativo. Começámos a falar da festa das aldeias. O povo do meio rural só tem aquela festa e está acostumado àquela festa, portanto às vezes, em certas aldeias, há até mesmo rivalidade, a ver quem atira mais foguetes. «O sr. trabalha e dá alegria aos

seus vizinhos e a um meio onde vai dar daquilo que tem. Portanto, também é útil.» Ele, então, ficou mais contente.

À medida que eles iam fazendo descobertas e começando a fazer frases, nós íamos pondo tudo no tal papel de cenário, que era para eles verem como eram capazes de construir, como eles eram capazes de pensar.

Num dos encontros um lembrou-se de dizer LEI. O que é que eles entendiam, o que é que eles pensavam da palavra LEI? A senhora que tinha o filho na guerra dizia: «Lei é aquilo que as pessoas fazem, para a gente obedecer.» Eu perguntei: «Quem é que faz as leis?» «O Governo, faz uma lei que a gente tem que obedecer, por exemplo: a guerra é uma lei...». Depois, acrescentou: «Sim, porque chega-se a um ponto que os nossos filhos já não são nossos.» Interrogou: «A guerra é um bem ou um mal?»

Mas, no diálogo mais politizado já estavam com mais medo. Mas eu queria era levar a conversa até ao fim, não me interessava que as pessoas chegassem ao fim da lição ou não fizessem frase nenhuma. Queria simplesmente levar as pessoas a pensarem e a dialogarem naquele meio. Ela disse: «O mal é esse, é que vão para a guerra e, ainda por cima, com pretos.» E eu perguntei: «Mas são os pretos que fazem a guerra?» «A menina não me diga que está a defender os pretos. Eu nas cartas tenho sempre muito medo, porque o preto é muito raivoso. A menina nunca ouviu dizer que o sangue de preto é mais raivoso que o de branco?» Então, lembrei-me de lhe perguntar «de que cor é o sangue de preto?» «É vermelho.» «Então onde é que está a raiva?» Depois, ela disse que no nosso

país não havia escravidão. E eu respondi: «Então o seu filho ir para a guerra o que é?» «Tem de obedecer à lei senão é castigado.» «Então se é castigado é livre ou é escravo desta gente?» Quer dizer, levámos um bocado ao diálogo sobre isso.

O pedreiro era muito esperto e observava: «A menina está a levá-los a criar uma revolta.» «Não, isso não está certo; vamos ver se descobrimos onde é que está a raiva do sangue de preto, que eu não consigo ver...»

Construímos algumas frases e depois fomos para o aspecto do povo que se desloca para o trabalho. Então, começam a dialogar sobre os salários. O pedreiro, ganhava tanto, o das bombas 50\$00 por dia, ela sabia de costura mas também fazia uns trabalhos de empregada doméstica (só fazia costura quando não tinha esse serviço).

Quando chegámos à parte do trabalho não conseguimos escrever uma única palavra, porque todas as pessoas se interessaram por aquele que fazia as bombas. Tivemos de ver como é que uma pessoa com 9 filhos e a ganhar 50\$00 se podia manter. Quando ele fazia serões na sua própria casa o que é que o patrão pensava. Porque é que ele fazia serões em casa? Nós estivemos a fazer contas e numa dúzia de bombas não chegava a ganhar 1\$00; estava a trabalhar até à meia-noite, deixava aquele cheiro na casa (nada aconselhável para as crianças), gastava a sua luz, afinal o que é que ele vinha a ganhar com aquilo? Não trabalhava no emprego porque isso contava como horas extraordinárias, o patrão teria de lhe pagar a dobrar e gastar da sua própria luz. O patrão estava a procurar as suas conveniências e a explorar o empre-

gado. O pedreiro ganhava 100 ou 110\$00, não tinha filhos, só tinha mulher e dizia-lhe: «Pois, António, no meio disto tudo tu tens é que ter paciência, eu não sei, porque eu no teu lugar ou já tinha ido ter com o patrão a pedir mais dinheiro ou tinha procurado outro emprego. Se tu estivesse no meu serviço já estavas a ganhar tanto. Não quiseste sair para ir ganhar mais, e agora eu ganho muito mais do que tu.»

O caso do camponês era semelhante, na exploração, ao do das bombas, e nós reflectimos nele. Então, o pedreiro chamou a atenção para que eu devia aconselhar-lhes resignação, senão eles criavam um espírito de revolta e no dia seguinte não iam com vontade para o trabalho... «Então eu hei-de dar-lhes palavras de paciência, quando ele ganha 50\$00 e o senhor, que ganha 100\$00 queixa-se que o seu patrão não lhe paga o que está no contrato, não quer esperar e já disse que se ele não lhe der tanto vai sair. Eu acho que nós temos de analisar isso até ao fim». Discutiu-se, e a conclusão foi de ele ir ter com o patrão e dizer-lhe que até determinada data tinha de lhe aumentar o ordenado — para mais estava à espera desse aumento há dois anos. Ele resolveu ir falar com o patrão e um dia chegou à lição muito compenetrado porque o patrão resolvera dar-lhe um aumento de 10\$00, o que lhe criou revolta.

Depois veio o 25 de Abril e isso tudo. Em Junho, estava eu em Lisboa, o patrão disse-lhe para fazer serão e ele negou-se, porque o patrão não pagava horas extraordinárias e não lhe tinha dado há dois anos, o aumento que ele esperava. O patrão disse que não tinha trabalho para lhe dar durante o dia e ele foi despedido. Foi à delegação do trabalho, eles tomaram

nota daquilo tudo mandaram uma intimação ao patrão, que intimado a primeira vez não compareceu, à segunda vez compareceu, mas na delegação disse que ele tinha sido despedido com justa causa. O que ele ganhou foi as férias do ano anterior, as férias deste ano e o subsídio. Os outros começaram a dizer que tinha sido a influência da lição sobre o trabalho que o tinha levado a tomar aquela posição. Entretanto, à tal, senhora que tinha o filho no Ultramar chegou a notícia que o filho tinha falecido, com uma meningite. A senhora perdeu o interesse de aprender a ler. Depois ao Ant3nio chegaram as festas. Era preciso fazer mais foguetes e começou também a faltar; o outro rapaz que era campon3s 3 que foi at3 ao fim — ia entrar para a tropa, e depois do 25 de Abril ainda tinha mais interesse em aprender, para ler os jornais, para estar dentro das notícias.

Foi uma experi3ncia muito rica, sobretudo vendo a alegria que as pessoas sentem quando descobrem que s3o capazes de trazer alguma coisa, de fazer alguma coisa, que t3m valor e que marcam numa sociedade. Eles viam muito isso. As pessoas que tinham cursos, que tinham andado com eles na escola n3o lhes ligavam; passavam por eles e nem bom-dia, nem boa-tarde, n3o havia nada que unisse essas pessoas, havia, assim, um corte de rela33es. Aqueles que eram como eles 3 que se juntavam.

Depois tamb3m fal3mos muito no problema da habita33o. Com cartazes que se faziam, com recortes de jornais, em que se viam v3rios aspectos at3 de casas: casas modernas, casas de bairro de lata. Mas n3o tive coragem de aprofundar muito o problema da habita33o porque eu senti que estava a entrar muito na

intimidade daquilo que era deles, at3 porque, tamb3m ia muitas vezes a suas casas. O problema da alimenta33o foi muito profundo. Discutiu-se a maneira de aproveitar o terreno do seu quintal o que podiam plantar. Por exemplo, eles n3o tinham cenouras, diziam que n3o usavam cenouras, porque a cenoura leva muito tempo na terra, e, por isso, a alimenta33o era mais 3 base de batata, couve, cebola. Estas coisas 3 o que eles mais usam, 3 a base da sua alimenta33o e a cenoura para eles era considerada quase como um artigo de luxo. Falou-se, portanto, na necessidade de vitaminas e at3 que ponto podiam chegar, com melhoria de alimenta33o.

Penso continuar com um grupo de camponeses, que est3o agora organizando-se at3 mesmo a n3vel de sindicato. Depois vamos come3ar a ver o problema da fam3lia. Quando o das bombas voltou da romaria, fiz3mos uma revis3o; abord3mos a desordem, a desorganiza33o da casa de fam3lia durante a aus3ncia dele, mesmo a n3vel de f3 em Cristo levantou-se a quest3o: era este sofrimento, que agradava a Cristo que veio para libertar e se era assim que a Igreja devia consciencializar e mentalizar as pessoas. Mas, ele disse que tinha sido uma promessa, que tinha de a cumprir, mas que felizmente era o 3ltimo ano. E espero que ele n3o fa3a outra promessa destas...

4. A RELIGIOSIDADE POPULAR

P.F. — Essa questão religiosa popular é um problema muito sério. De um modo geral só damos atenção considerando a religiosidade popular como algo inferior, como uma distorção da nossa própria forma de religião, e isso é errado.

Agora, por exemplo dez dias atrás eu estava no Caribe (Caraíbas) onde a religiosidade popular, é extensíssima e há uma série de estudos científicos sobre essa religiosidade. Mas eu trouxe para casa uns estudos feitos, por exemplo, na República Dominicana, onde talvez o índice de religiosidade popular seja só menor do que no Haiti, mas é profundamente intenso — e também na Jamaica. E eu li um artigo — estudo, feito por um pároco. Conta um facto que ele não podia compreender, que era exactamente o seguinte: espalhada no povo há uma crença na existência de um Deus bom, ou um Deus do bem, e um Deus do mal — que é exactamente a dicotomia que existe, entre nós, entre Deus e o Diabo (o Papa o ano passado disse que o grande problema do mundo é o Diabo — p'ró diabo o problema do Diabo; diabqs são os Pinochets...). Uma senhora, conversando com ele, disse que tinha tido um menino (ela tinha oito filhos), o marido desempregado, ela tinha tido o nono filho fazia 20 dias. E disse ao padre, para convencê-lo da existência do Deus do bem — não tinha dinheiro para alimentar os filhos e eu pedi ao Deus do bem que me mandasse naquela noite um homem bom, um homem que paga bem (o marido sabia disso mas aceitava essa coisa, como trabalho, era um emprego, um meio de manutenção; os filhos é que não sabiam). Ela disse: depois que eu acabei de orar, de pedir ao Deus do bem que

mandasse um homem bom eu fui para a rua. E, de repente, pára um carro com um homem que me chama. Eu entro no carro e ele estava meio embriagado. Eu então contei a ele que havia feito uma oração ao Deus do bem. E então, disse ela, o homem me teve no carro mesmo e depois me deu um dólar (na República Dominicana vale um dólar americano dois dólares dominicanos, é um dinheiro forte). Então o homem deu a ela uma cédula de dez dólares (portanto 5 dólares americanos) o que é um dinheirão, e depois deu mais uma cédula de um dólar e disse: «Os dez dólares são para ti, e um dólar é para que tu vás de carro para casa.» E ela desceu do carro dele, chegou debaixo do poste de luz, olhou as duas cédulas e o homem tinha-se equivocado, no escuro. A cédula de dez dólares era de 100 e a de um era de dez. Então, na verdade, o homem deu a ela 110 dólares. Acabando de contar esta história ao padre perguntou: existe ou não existe um Deus do bem? Foi o Deus do bem que me fez isso. Me botou aquele homem bom naquela noite, que me deu 110 dólares e com isso eu não precisei de fazer isso durante mais de um mês, porque tive leite para o filho.» Quer dizer, o equívoco dos cristãos, católicos ou protestantes, não importa, é pretender lutar contra esta religiosidade, sem transformar as estruturas sociais que explicam essa religiosidade.

Não adianta chamar a atenção dessa mulher para a distorção duma autêntica perspectiva cristã, se você ao mesmo tempo não trabalha com ela e não testemunha a ela o seu engajamento no processo revolucionário de liquidar com o capitalismo. Eu te confesso, me recuso a fazer isso; quer

dizer, eu me sinto com autoridade de se conversasse com uma mulher dessas, respeitando a sua fé, discutir a minha fé com ela, porque, ao mesmo tempo, eu dizia: agora vamos discutir a nossa fé do ponto de vista político. Onde é que a minha fé em Cristo me leva? A minha fé em Cristo me leva à revolução e não a reformas. A minha fé em Cristo me leva a um processo revolucionário e não às missas dominicais, apenas. Então, eu me sinto com autoridade de falar.

Vocês, pelo amor de Deus, não se metam a fazer críticas à religiosidade popular se ao mesmo tempo não estão engajados no processo de justicialização do mundo, porque senão não tem nenhum sentido. A expressão da religiosidade popular está eminentemente vinculada com as estruturas de dominação. E o que acontece é o seguinte: é nessas áreas de dominação que essa expressão popular da religiosidade se apresenta com formas misturadas com o catolicismo ou com o protestantismo, mas buscando uma autenticidade da classe dominada é a prova precisa da falha da Igreja, é que as classes dominadas já não encontram na Igreja o testemunho de autenticidade cristã e então se afogam noutro tipo de religiosidade que para elas é exactamente o escape.

Na Jamaica há uma religiosidade, uma religião popular que tem uma força hoje tão grande na ilha, no país, que o actual primeiro-ministro se elegeu politicamente, exactamente baseado na religião popular. E essa religião popular da Jamaica, tem uma força fantástica na área popular da Jamaica.

Está mesmo sendo estudada, já, por antropólogos e sociólogos, e deve estar em grande crise agora, porque o Deus dela é o rei da Etiópia, o Halé Selassié. Ele é a encarnação do autêntico Deus, que veio salvar o mundo, e eles fazem isso baseados inclusive em certos tópicos da Bíblia, que justificam a eles a presença de Selassié no mundo como Deus, Deus-vivo, Deus-homem. E deve estar numa crise danada, agora, porque o exército de lá liquidou o Deus deles.

H.P. — Podem estabelecer a relação com a crucificação...

P.F. — Possivelmente, possivelmente... Eles devem estar numa crise, mas numa crise da qual sairão com uma força danada, de novo. E até se matar o danado do Selassié ainda melhor. Quer dizer, você agora não pode olhar para um negócio desses nem com desprezo, por um lado, nem tentar com exercícios racionalistas procurar desmontar o dispositivo...

Eu estou, como se diz no Brasil, caindo aos pedaços...

H.P. — Pois é, é pena realmente não termos mais tempo. Eu só queria, portanto aproveitar os últimos minutos, para pôr uma questão ao Paulo Freire que é a seguinte: Nós temos tido protestos de quem tem trabalhado com o método, de que o método não é um método de ensino, de técnica, mas que tem algo de muito essencial, do qual nasceu uma certa prática. Ora acontece que para nós é importante uma preparação de militantes de alfabetização e não só uma prepara-

ção como uma opção política... isto não é muito fácil, mas parece-nos que nem todas as pessoas podem fazer alfabetização. Não sei...

P.F. — Eu concordo contigo... nem todas as pessoas podem fazer cirurgia... eu não posso...

H.P. — Essa coisa de há bocado serem operários ou não serem operários, a questão, penso que não se põe só nesse campo, mas surge duma nítida opção política e não só política, mas de vida pelo povo.

P.F. — Como eu não sou português eu posso fazer indiscrições, como se diz, meter a pata, por exemplo, porque eu tenho a impressão que, apesar do tempo tremendo que vocês já não têm, que uma de vocês, aproveitando o José António e um brasileiro que vai chegar...

T. — É entrar em contacto, não é? Eu já tinha dito para a Alice que ia haver uma equipa que vai trabalhar...

P.F. — É verdade, tem um chileno aqui, da mais alta importância como gente e deve chegar no domingo ou na segunda-feira próxima um brasileiro jovem que trabalhou comigo e que teve a experiência fantástica no Brasil duma enorme cadeia durante a ditadura, que fez um negócio brutalmente grande em S. Paulo em plena ditadura militar e o resultado é que foi para o «xadrez». Tem uma experiência terrível esse rapaz. Inclusive Acção Católica também, antes. E há um ano e meio ele trabalha em Paris, com trabalhadores portugueses, também em alfabetização. Ele tem um

comando excelente do ponto de vista técnico e do ponto de vista global de toda a minha...

T. – É. Eu acho que eles vão cá ficar o ano inteiro. A mulher do José António também trabalhou no Chile.

P.F. – **E poderiam dar, de certeza que eles...**

T. – É. Eu também acho que sim.

P.F. – **Eu aconselho a vocês de participar com eles de um cursinho de treinamento, em que eles não vão ensinar, dizer-lhes como vocês devem fazer, mas dizer como eles fizeram, como se pode fazer e eles podem dar uma contribuição excelente... é um sujeito vivido, inclusive na Europa tem uma experiência engraçadíssima, porque ele e a esposa passaram quatro ou cinco meses com camponeses na Suíça alemã, tirando leite de vacas e dando banho em vaca e dormindo às seis horas da noite e acordando às quatro da manhã. E depois que deixaram de ser camponeses passaram a vender coca-cola e sanduiches dentro dos trens e em Paris ele foi cozinheiro (ele é sociólogo). Mas em Paris ele foi cozinheiro de um restaurante português e chegou lá e cozinhou à maneira brasileira. Levaram 15 dias a aprender e botaram ele para fora! Ele conseguiu uma bolsa de estudo e agora vem para cá. Quer dizer, eu acho que vocês podiam aproveitar a experiência humana e técnica e pedagógica desse rapaz. Através da Teresa vocês podem...**

T. – Pois, quando quiserem, vocês digam-me e eu ponho-os em contacto com eles...

H.P. – Eles utilizam o método adaptado lá por eles, não é?

P.F. – **Claro, não tem nada a ver comigo...**

T. – Eu acho que essa palavra método aplicada a Paulo Freire tem que ser banida. Não sei como isto aqui entrou, mas agora toda a gente fala em Paulo Freire em termos de método. Eu reajo sempre, eu nunca deixo... Em termos de técnica... A coisa é muito mais funda... é uma perspectiva... Hoje à tarde vários apareceram: «Nós estamos trabalhando com o método Paulo Freire», dá-me vontade de perguntar: «Que método?».

H.P. – Aliás isso nota-se muito até entre nós...

T. – Os estudantes é que foram os responsáveis, os estudantes da Pró-UNEP é que entraram com isso do método, como se fosse uma técnica que se aprendesse, inclusive já com palavras geradoras para levar para os sítios.

P.F. – **Então bom trabalho!**

LIVROS EDITADOS:

LIBERTAR O POVO (Diálogo com António Fragoço, Bispo)

— 3.ª edição

— Coordenação de Maria da Conceição Moita.

CHILE — SOCIALISMO IMPOSSÍVEL — 2.ª edição

— Coordenação de Fernando Abreu

E O SOL É SÓ UM — 2.ª edição

— Coordenação de Maria Elisa Saireta

AUTOGESTÃO (JUGOSLÁVIA-CHECOSLOVÁQUIA)

— Coordenação de Fernando Abreu

ZAPA N.º 1 (Histórias para acordar) — 2.ª edição

— Adaptação de José Pires

ACÇÃO SINDICAL — 2.ª edição

— Ugo Piazzì

— Apresentação de Fernando Abreu

NÃO AO ENSINO BURGUEZ — Trabalho colectivo do Centro de Cultura Operária (colecção «O Povo em Acção»)

ALFABETIZAÇÃO — CAMINHO PARA A LIBERDADE

— Introdução de Manuel Canaveira.

VIETNAM — François Houtart (Colecção «Imperialismo e Colonialismo»)

GREVES E O 25 DE ABRIL — José Pires (colecção «O Povo em Acção»)

UNIDADE SINDICAL — A Força dos Trabalhadores (Colecção Textos Sindicais).

POR UM NOVO SINDICALISMO (Princípios e Perspectivas Sindicais da Base — Frente Unitária de Trabalhadores)

AUTARQUIAS LOCAIS (O que são?)

MANUAL DE ALFABETIZAÇÃO (Para quem quer aprender com o Povo)

— Trabalho Colectivo do Centro de Cultura Operária.